



CADA UM COM SUA VOZ: HISTÓRIAS QUE PODEMOS CONTAR

Juliane Braidia Benetti¹
 Laura Adriana Bonatto Marasca²
 Lucas Abel Teixeira Vieira³
 Vitória Letícia Medeiros⁴
 Cassiano Roberto Dacanal Buzetto⁵
 Morgana Mainardi Maturana Dias⁶

Instituição: Colégio Estadual Catuípe

Modalidade: Relato de Experiência

Eixo Temático: Educação Inclusiva

1. Introdução:

O ambiente escolar é um espaço para o desenvolvimento do aluno, expressando sua criatividade, imaginação, vivências e protagonismo estudantil. O projeto "**Cada um com sua voz: histórias que podemos contar**" tem como objetivo promover a escuta sensível e o incentivo à autoria por meio da contação e leitura de histórias, na criação de vídeo, no qual os próprios alunos dão voz a personagens, cenários e narrativas criadas por eles. Este relato de experiência descreve a Prática Pedagógica no espaço da **sala de recursos**⁷, onde acontece o **AEE- Atendimento Educacional Especializado**⁸, Educação especial. As atividades foram planejadas com o objetivo de complementar e aprofundar saberes que resultam em

¹ professora da Sala de Recursos/ Atendimento Educacional Especializado; juliane-bbenetti@educar.rs.gov.br

² professora Supervisora Escolar; laura-amarasca279@educar.rs.gov.br

³ estudante participante do Atendimento Educacional Especializado; lucas-atvieira@estudante.rs.gov.br

⁴ estudante participante do Atendimento Educacional Especializado; vitoria-6711747@estudante.rs.gov.br

⁵ estudante participante do atendimento Educacional Especializado; Juliane-bbenetti@educar.rs.gov.br

⁶ Estudante participante do Atendimento Educacional Especializado; morgana-mdias@estudante.rs.gov.br

⁷ As salas de recursos multifuncionais estão vinculadas ao Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, instituído pela Portaria Ministerial n. 13, de 24 de abril de 2007, sendo dotadas de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para o trabalho junto ao público-alvo da Educação Especial.

⁸ O Atendimento Educacional Especializado (AEE) evidenciado na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva (2008) está a serviço da educação especial que busca complementar ou suplementar a formação do aluno tendo em vista a sua aprendizagem e inclusão no contexto escolar.



aprendizagens significativas para suas vivências e que venham a contemplar sonhos e desejos futuros, seguindo o Plano de Atendimento Educacional Especializado - PAEE ⁹do educando. O projeto foi desenvolvido com os alunos participantes da sala de recursos, dando ênfase a três alunos com deficiência intelectual ¹⁰e um aluno com paralisia cerebral¹¹.

Partindo de pequenas conversas e diálogos no decorrer dos encontros e da ideia de que toda pessoa tem uma história a contar, este projeto oportuniza os estudantes a desenharem e contarem suas próprias histórias reais ou imaginárias, exercitando a linguagem visual, a oralidade e a construção textual, além de expor suas angústias, medos e incertezas. Mais do que uma atividade artística, o projeto visa valorizar a identidade de cada aluno, promovendo a inclusão, o respeito às diferenças e o fortalecimento da autoestima. Através do desenho, da escrita e da tecnologia, os alunos foram estimulados a ouvir o outro, ler histórias, produzir e criar, na sequência construir um vídeo com base em suas produções gráficas e narrativas, utilizando recursos acessíveis e colaborando entre si em todo o processo criativo. Cada voz representa um personagem, um ser, uma experiência, transformando a sala de aula e as vivências escolares em um espaço de múltiplas vozes e infinitas possibilidades de contar e recontar histórias.

O presente relato justifica-se pelo fato de ser significativo para o desenvolvimento do ser humano. Contar histórias é uma das formas mais antigas e potentes de comunicação humana. Desde a infância, as narrativas estimulam o pensamento, ajudam a desenvolver a criatividade, a linguagem e a compreender os acontecimentos que ocorrem no mundo. O projeto **“Cada um com sua voz: histórias que podemos contar”** parte de uma inquietação e observação do que seria necessário e importante para contribuir com o desenvolvimento do aluno nas quatro habilidades, ouvir, ler, escrever, falar e também de um aluno que sempre ao final do atendimento na sala de recursos, solicitava um “tempinho” para escrever uma história. Outro fator relevante foi a importância dos momentos de escuta a partir dos trabalhos realizados com a leitura de pequenos livros, contos e frases, proporcionando momentos para o educando interagir, falar sobre os personagens, imaginar outros e explorar

⁹ O Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE) é um documento fundamental no contexto da Educação Especial, destinado a garantir que alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação recebam o suporte necessário para seu pleno desenvolvimento educacional.

¹⁰ Deficiência intelectual é considerada um distúrbio do desenvolvimento neurológico. Distúrbios de neurodesenvolvimento são condições neurológicas que aparecem precocemente na infância, geralmente antes da idade escolar, e prejudicam o desenvolvimento do funcionamento pessoal, social, acadêmico e/ou profissional. Normalmente envolvem dificuldades na aquisição, retenção ou aplicação de habilidades ou conjuntos de informações específicas.

¹¹ A paralisia cerebral não é uma doença específica. Ela é, na verdade, um conjunto de sintomas resultantes de malformações cerebrais ou danos às partes do cérebro que controlam os movimentos musculares (áreas motoras). Algumas vezes, as crianças com paralisia cerebral também apresentam anomalias em outras partes do cérebro. Os danos cerebrais que resultam na paralisia cerebral podem ocorrer durante a gestação, durante o nascimento, depois do nascimento ou na primeira infância. Uma vez ocorridos os danos cerebrais, eles não pioram, embora os sintomas possam mudar à medida que a criança cresce e amadurece. Se a disfunção muscular resultar de danos cerebrais após os dois anos de idade, esta não é considerada paralisia cerebral.



seu mundo encantado, além de valorizar o protagonismo estudantil, possibilitando que cada aluno se reconheça como autor de suas próprias ideias, pensamentos e sentimentos. Ao criar personagens, novas reflexões surgiam, observações de pequenos detalhes e a explicação do porquê daquelas características fizeram parte do desenvolvimento das atividades, além de fortalecer relações de convivência no grupo, a cada fala as interações iam se ampliando e os momentos ficavam leves, com risos e descontração.

2. Procedimentos Metodológicos:

O projeto foi desenvolvido na sala do Atendimento Educacional Especializado no turno inverso. A atividade teve início com a recepção dos alunos em um ambiente previamente organizado com diversos livros expostos sobre as mesas, criando um clima acolhedor e propício à leitura. Essa ambientação teve como objetivo despertar o interesse e a curiosidade dos estudantes por meio do contato direto com os livros.



Imagens relacionadas a Abertura do projeto, recepção dos alunos e roda de conversa;

Os alunos foram convidados a explorar livremente os materiais disponíveis, podendo manusear os livros, observar capas, títulos, ilustrações e, principalmente, ler trechos de seu interesse. Esse momento inicial visou promover a aproximação espontânea com a leitura, respeitando os ritmos e preferências individuais. A proposta priorizou a experiência sensorial e o incentivo à autonomia, permitindo que os estudantes escolhessem os textos que mais chamaram sua atenção. Durante essa etapa, o professor foi mediador, incentivando a troca de ideias entre os colegas e observando os interesses demonstrados na roda de conversa para, posteriormente, desenvolver atividades mais direcionadas com base nas preferências identificadas.

Na sequência dos encontros partimos para a construção da história coletiva, em que cada aluno contribuiu com ideias, propostas do que gostaria de apresentar, falar, expor. Após os primeiros rascunhos passamos a imaginar as ilustrações. Aqui utilizamos os recursos tecnológicos, pesquisando na internet cenários e desenhos, para saber como ficaria o primeiro capítulo com determinada imagem, enfim, exploramos várias ideias. O grupo optou por retirar uma imagem da internet e trabalhar com a pintura modificando alguns detalhes. Outras foram criadas por eles. Com todos os ambientes prontos e a história escrita, a sequência foi a gravação dos áudios, sendo cada aluno uma voz ao personagem escolhido. E a parte final e talvez a mais difícil foi a construção do vídeo utilizando um programa de edição de vídeo gratuito: o CapCut. Primeiramente olhamos um tutorial de como utilizar, essa atividade foi cansativa, não despertou interesse dos alunos, pois os passos eram



detalhados. Importante ressaltar que muitas vezes é necessário mudar as estratégias para que a atividade seja concluída. Então trabalhamos de forma que os alunos entendessem a existência desse recurso, como que poderíamos fazer, sendo que foi oportunizado um momento de exploração da atividade sendo concluída com orientação e ajustes da professora, além do auxílio de outros colegas que dominavam o programa.



imagem 1- cenário



imagem 2- cenário com os personagens



imagem 3- cenário do piquenique



4-Escola Jardim das Tulipas



5 - Escola Arara Azul;



6- Escola Semente da Selva;



7- Cena final

3. Resultados e Discussões

A proposta de criação de uma história a partir de um cenário escolhido e narrada com a própria voz dos alunos, resultou em uma experiência enriquecedora. Os alunos se envolveram na elaboração da narrativa, demonstrando interesse, interagiram com ideias para o enredo, personagens e diálogos. A liberdade para criar personagens e situações estimulou a imaginação, resultando em histórias originais e criativas; A gravação com a própria voz fortaleceu a expressividade e a segurança na comunicação oral. Também oportunizou expressar sentimentos, mágoas no momento da construção da história em que relataram situações que consideram desagradáveis.

O contato com a tecnologia se tornou mais familiar, através da pesquisa de imagens, na gravação das vozes, no momento da colaboração na construção do vídeo. Foi possível perceber o fortalecimento da autonomia diante da divisão das tarefas e o vídeo final, que uniu a narrativa, as vozes e o cenário criado, tornou-se um registro concreto do trabalho, gerando orgulho e satisfação entre os alunos. O trabalho contribuiu para aumentar a autoestima, fortalecer vínculos e promoveu a inclusão, pois todos tiveram espaço para participar de acordo com suas habilidades e singularidades.

4- Conclusão

O desenvolvimento das atividades de leitura, construção de história e produção de um curta com os alunos do AEE possibilitou a vivência de um processo rico em aprendizagens, expressão e integração. O objetivo de estimular o interesse pela leitura,



ampliar a criatividade e promover a participação ativa dos estudantes foi alcançado, evidenciado pelo envolvimento e entusiasmo durante todas as etapas. Os resultados mostraram que, ao trabalharem coletivamente, os alunos puderam desenvolver habilidades de comunicação, imaginação, organização de ideias e cooperação, fortalecendo também a autoestima e o protagonismo.

As discussões realizadas ao longo do processo confirmaram que propostas pedagógicas que unem diferentes linguagens, escrita, oralidade, arte e tecnologia, favorecem a inclusão e o desenvolvimento integral, valorizando as potencialidades de cada aluno e criando oportunidades reais de participação. Assim, a experiência reafirma a importância de práticas educacionais inclusivas, capazes de transformar o aprendizado em uma vivência significativa e prazerosa. “A sala de recursos se caracteriza como um apoio complementar ou suplementar, isto é, não é substitutivo da ação pedagógica que ocorre na classe comum.” (Oliveira, 2014, p. 3), assim foi proporcionado aos alunos participantes da sala de recursos no Atendimento Educacional Especializado a possibilidade de mostrar suas habilidades, potencialidades, transformando falas em textos escritos, transformando suas angústias em trechos para reflexão e acima de tudo percebendo o quanto são capazes de criar, participar e produzir resultados.

5. Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: < <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf> > Acesso em 02 ago. de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica – Resolução no 4 CNE/CEB 2009. Disponível em: < https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf > Acesso em 02 de ago. de 2025.

GARCEZ, Liliane; IKEDA, Gabriela. Educação Inclusiva de Bolso: O Desafio de Não Deixar Ninguém para Trás. São Paulo, Editora do Brasil, 2024.

ARROYO, Miguel. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm > Acesso em 05 de ago. de 2025.

Deficiência Intelectual. Disponível em: <

<https://www.msmanuals.com/pt/profissional/pediatria/dist%C3%BAArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/defici%C3%A4ncia-intelectual> > Acesso em 10 de ago. de 2025.

Paralisia Infantil. Disponível em: < <https://www.msmanuals.com/pt/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-infantil/dist%C3%BAArbios-neurol%C3%B3gicos-em-crian%C3%A7as/paralisia-cerebral-pc> > Acesso em 11 de ago. de 2025.